

LUTO E EXISTÊNCIA

Blanches de Paula - Universidade Metodista de São Paulo

Resumo

O presente trabalho foi um ensaio em torno de uma aproximação do método fenomenológico e o fazer teológico-pastoral. Portanto, uma primeira aproximação que objetivou, pedagogicamente, apropriar-se de um novo saber que coloca como questão a própria formação na produção de conhecimento. Nesse sentido abordamos esse exercício interdisciplinar em três momentos. O primeiro momento tratou de conceitos básicos de fenomenologia, sua história e principais concepções que envolvem o método fenomenológico. No segundo momento adentramos nos pressupostos básicos da práxis religiosa e o método fenomenológico. No terceiro momento destacamos aspectos relevantes do estudo sobre o luto como um fenômeno a ser estudado pela práxis religiosa através do método fenomenológico. Como resultados da aproximação entre método fenomenológico e práxis religiosa consideramos a necessidade de continuidade de estudos sobre o luto na sociedade brasileira devido a sua escassez; ademais, é uma contribuição científica indispensável para a saúde pública. Como segundo bloco de resultados destacamos a relação do corpo com a religião. A dor da perda pública se apresenta no corpo de diversas formas. Com interpretações que consideram o corpo como espaço do pecado, a religião é uma devedora de pesquisas que discutam a existência e o sentido da mesma em meio aos desafios de temas como sofrimento, luto, por exemplo. De certa forma ao falarmos do método fenomenológico que inclui a dimensão do corpo nos aproximamos também do sentido dado à vida a partir das situações limites e potencialidades da vida. Nesse particular encontramos o tema do luto.

Palavras-chaves: Luto - religião – método fenomenológico

GRIEF AND EXISTENCE

Abstract

The current work is an initial effort at bringing together the phenomenological method and the process of doing pastoral theology. As such, it is an effort that seeks, pedagogically, to appropriate a new way of knowing that raises the question of formulation in the production of knowledge. In this sense, this interdisciplinary exercise occurs in three moments. The first moment deals with the basic concepts of phenomenology, its history, and the principle concepts that compose the phenomenological method. The second moment explores the basic presupposition of religious praxis and the phenomenological method. The third moment points out relevant aspects regarding the study of grief as a phenomenon to be studied by religious praxis via the phenomenological method. As a result of the approximation between the phenomenological method and religious praxis, we consider, due to the lack of such research, the necessity of the continuity of studies regarding grief in Brazilian society; which is an indispensable scientific contribution to public health. The second basic contribution of the research regards the relation between body and religion. The pain of public loss presents itself in the body in various forms. With interpretations that consider the body as a space for sin, religion has a debt to provide research that discusses existence and meaning in the midst of the themes of suffering and grief, for example. To a certain degree, to speak of the phenomenological method and the dimension of body involves dealing with the meaning of life in extreme situations, as well as the actualization of life. It is in this context that we encounter the theme of grief.

Key-words: Grief, religion, method, phenomenology.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho versará sobre o diálogo metodológico entre práxis religiosa e fenomenologia na interface com o tema do luto. Assunto que reclama o chão da existência, toca-nos nos nossos sentidos e é extremamente desafiador como campo de pesquisa. Portanto, a necessidade de adentrarmos em procedimentos, caminhos possibilidades de pesquisa é vital para lidarmos com um dos temas da essência do ser humano: a perda.

Nesse sentido abordaremos esse exercício interdisciplinar através de três capítulos. O primeiro capítulo tratará de conceitos básicos de fenomenologia, história e principais concepções que envolve o método fenomenológico. De forma prefaciada, trataremos de intersecções com o tema do luto no método fenomenológico. O autor com quem dialogaremos será Maurice Merleau-Ponty. Dentre os temas tratados por esse fenomenólogo consideramos o corpo como uma ponte estreita com o luto.

No segundo capítulo adentraremos nos pressupostos básicos da práxis religiosa e a questão do método. Consideramos esse capítulo como uma introdução aos métodos que auxiliam o fazer a práxis religiosa, bem como aqueles que nascem da discussão e pesquisa sobre o mesmo tema. Dialogaremos com as idéias de Casiano Floristán, referência indispensável para a discussão do método na práxis religiosa com a fenomenologia.

No terceiro capítulo procuraremos oportunizar aspectos relevantes do estudo sobre o luto como um fenômeno a ser estudado e aprofundado de forma interdisciplinar pela práxis religiosa através do método fenomenológico. Nesse sentido destacaremos conceitos norteadores do tema do luto bem como breve contextualização de sua presença na sociedade atual.

1 - Luto e Fenomenologia : aproximações introdutórias

Para começarmos a tecer alguns fios dos ricos caminhos oferecidos pela fenomenologia é necessário adentrarmos no universo de conceitos que perpassam essa forma de olhar o mundo. Falar de fenomenologia está embrenhado de uma interdisciplinaridade que foi conjugada no seu próprio nascedouro. EDMUND HUSSERL (1839-1938), (matemático de origem) começou a se interessar pelas ciências com FRANZ BRENTANO (1838-1917). HUSSERL avançou na sua percepção do mundo com a preocupação de ver as essências das coisas através dos fenômenos da vida cotidiana. Como já delineado rapidamente na introdução deste trabalho, a fenomenologia é um mundo amplo de perspectivas, porém, com um ponto de convergência: é o ser humano que atribui significado à sua existência.

Vale lembrar o seguinte: fenomenologia é um método e não uma filosofia da existência. Como método, pode ser utilizado pelas mais diferentes áreas do conhecimento, pelas mais diferentes ciências e meios de expressão que o homem possa desenvolver.¹

Como disse Dagmar Silva Pinto de Castro, a fenomenologia está aberta a interagir com as diversas facetas das ciências. A fenomenologia envolve a consciência e os significados dos objetos que estão aí no mundo para serem observados, percebidos. Imaginação, percepção e significação é um tripé indispensável no entendimento da fenomenologia. Alguns expoentes da fenomenologia podem ser encontrados nos seguintes nomes: MARTIN HEIDEGGER, EDMUND HUSSERL, JEAN PAUL SARTRE, MAURICE MERLEAU PONTY, dentre outros. Percebe-se que um contingente significativo de seguidores da fenomenologia procurou expressá-la de diferentes formas no estudo científico da vida humana.

Como um dos expoentes mais destacados, como uma espécie de pai da fenomenologia no século passado, HUSSERL procurou integrar a objetividade e a

¹CASTRO, Dagmar Silva Pinto de et al. Fenomenologia e Análise do Existir. São Paulo:Universidade Metodista de São Paulo: Sobraphe, 2000, p.66.

subjetividade, a razão e a emoção, como se procurasse as estruturas da realidade, não só numa análise racional ou romantizada da realidade, mas a realidade como é dada aos nossos olhos. Uma descrição da realidade acima de tudo, o alcance, portanto, do fenômeno.

É primordial afirmar que os estudos da fenomenologia nos convidam a um resgate, dentro dos métodos de pesquisa científica, à dimensão ontológica da vida. É o que OLINTO A. PEGORARO denominou de um encontro entre razão calculante e razão mediante. Nesse vínculo nos aproximamos ainda mais do sentido do ser humano e da existência:

O sentido global inclui todos os aspectos do ser humano, desde sua composição bioenergética, passando pela sua estrutura psicológica até sua abertura à transcendência divina, através da fé. As dimensões humanas situam-se na história e na evolução da própria realidade cósmica, abrem-se para o horizonte infinito da fé. Enfim, o sentido global se constrói pela conjugação de todas estas dimensões. Por isso, a busca do sentido é inesgotável, sempre aberta à descoberta de novos sentidos e significados da vida, sempre mais radicais, ontológicos e divinos. Essa busca não se faz pela razão calculante, mas é tarefa da razão mediante que amplia e aprofunda as descobertas tecnocientíficas da razão calculante.²

Portanto, podemos nomear de outras maneiras a razão mediante e calculante, como sentido e técnica, por exemplo, mas essas conotações nos dizem sobre a existência do ser humano e os fenômenos que ela nos apresentam.

Alguns pressupostos básicos para o entendimento da fenomenologia são indispensáveis para aprofundarmos ainda mais no seu conceito:

- Estrutura intencional da consciência;
- Objetivação da subjetividade humana;
- Análise da subjetividade humana nas facetas transcendental, existencial, histórico e social;
- Como método, a fenomenologia apresenta-se como analítica, dialética, estrutural e descritiva.³

Um conceito muito significativo para a compreensão da fenomenologia é o *Lebenswelt* que significa o mundo da vida. Nesse mundo da vida é que encontramos as estruturas analíticas da vida humana. A aproximação da fenomenologia com as ciências humanas, é possível devido a um mundo de interesses estreito. As investigações positivas não deram conta do mundo da vida e a proposta da fenomenologia é fazer ciência a partir do mundo da vida.

A fenomenologia, então, é vista como introdução fundamental das ciências. Nesse caso, a fenomenologia é uma ciência do mundo da vida (*Lebenswelt*) em seus aspectos que também são tratados pelas ciências humanas que utilizam métodos empíricos. O método que permite ir aos fundamentos é consistente e fundamentalmente fenomenológico. A ciência começa com a fenomenologia e prossegue em seu primeiro desenvolvimento com uma orientação fenomenológica.⁴

Assim, a experiência tão presente tanto nos métodos científicos como no mundo da vida ganha seu status de articuladora do repensar metodologicamente a vida, sem tirar dela a ciência e a existência. A fenomenologia também trabalha a noção de consciência que temos em relação à pesquisa e à vida. A relação sujeito-objeto agora é visualizada como sujeito-objeto-mundo.

Como relacionar o tema do luto com a fenomenologia? Pelo que vimos anteriormente, temos um cenário riquíssimo de aproximações as quais nos traz caminhos possíveis de interação com a práxis religiosa. A fenomenologia envolve também o universo de crenças e valores de cada pessoa. Portanto, é vital reafirmar que a fenomenologia é o

² Idem, p.34

³ Para aprofundamento do método fenomenológico, ver o artigo de Dagmar Silva Pinto de Castro. A articulação do método fenomenológico no livro *Fenomenologia e Análise do Existir*.

⁴ Ibidem, p.80.

estudo das essências, da percepção da vida, da consciência em relação a essa mesma vida. Evidentemente que há um mundo hermenêutico que envolve a fenomenologia, pois no seu método o sujeito exporá sua percepção e sentido de mundo, de sua própria experiência. Nesse sentido tanto pesquisador, como seu foco de investigação, passam pelo processo de reaprender a ver o mundo. É importante ressaltar que os estudos da fenomenologia também se interrelacionam com facetas da vida humana no que tange às esferas sociais, políticas, econômicas, corporais. No último caso ressaltamos os estudos de MERLEAU-PONTY.

O corpo é apenas um elemento no sistema do sujeito e de seu mundo, e a tarefa obtém dele os movimentos necessários por um tipo de atração à distância, assim como as forças fenomenais que operam em meu campo visual obtém de mim, sem cálculo, as reações motoras que estabelecerão o melhor equilíbrio entre elas, ou assim como os usos de nosso círculo, a constelação de nossos ouvintes imediatamente obtém de nós as falas, as atitudes, o tom que lhes convém, não porque procuremos agradar ou disfarçar nossos pensamentos, mas porque literalmente somos aquilo que os outros pensam de nós e aquilo que nosso mundo é.⁵

As afirmações de MERLEAU-PONTY levantam algumas nuances vitais para o processo do luto e a práxis religiosa. A dor humana desencadeada no processo do luto é sentida na sua exterioridade no corpo. A dor da perda publica sua presença no corpo de diversas formas. É no corpo que o luto demonstra seu toque, sua presença, mas também a possibilidade de rever a maneira com que se vive. O contexto religioso é um espaço promissor para se pensar o luto também na ótica do corpo. Com interpretações que consideram o corpo como espaço do pecado, a religião é uma devedora de estudos que discutam a existência e o sentido da mesma em meio aos desafios de temas como sofrimento e sexualidade, por exemplo. É importante ressaltar que o corpo é uma faceta dos estudos da fenomenologia, porém de intensa importância para o seu método. O corpo é considerado como um fenômeno da experiência humana. O corpo também explicita as incoerências do saber e convivência humana na proliferação das guerras, doenças, hedonismo, objeto. De certa forma ao falarmos do método fenomenológico que inclui a dimensão do corpo nos aproximamos também do sentido dado à vida a partir das situações limites e potencialidades da vida. Nesse particular encontramos o tema do luto. Encontramos não só sentido dado pelas pessoas que estão vivenciando situações-limites, mas também os/as cuidadores/as dessas pessoas. As relações humanas estabelecidas nesse cuidado também são palco dos estudos da fenomenologia existencial. Por exemplo, o conforto oferecido às pessoas por ocasião de uma perda, expressa uma percepção do mundo do outro de uma necessidade humana vital em momentos como esse. Essa percepção vai além do olhar o corpo, mas a existência. Portanto, envolve também os gestos, a fala, o toque que exprime respeito, dignidade e confiança no humano.

Outro tema que envolve também o método fenomenológico é a temporalidade. Esse tema evoca perspectivas, projetos, interpretação da vida. O tempo é o companheiro sempre presente nos lembrando que a vida deve ser refletida e vivida conjuntamente.

2- Práxis religiosa e fenomenologia

O “diálogo” entre religião e ciência, foi marcado por aproximações e distanciamentos provindos de posições acirradas que sustentavam a dificuldade de relação entre as mesmas. Em se falando do diálogo das ciências da religião com a psicologia da religião, percebe-se avanços significativos que nos permitem aprofundar a investigação científica. GIOVANNI FILORAMO e CARLO PRANDI expõem uma recapitulação do momento histórico desse diálogo:

⁵ Merleau-Ponty, Maurice. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.154.

Em outros termos, o que se tende a superar de modo definitivo, no debate metodológico mais recente, é o fundo ideológico de tipo cientificista (com as inevitáveis reações de tipo confessional e apologético), com que se defrontou a primeira PR, reforçado o advento da psicanálise, o que contribuiu para criar, até não muitos anos atrás, um muro – que a muito parecia intransponível – entre psicologia e religião⁶.

As pesquisas que tecem a interface de uma ou mais ciências têm contribuído sensivelmente para uma releitura da dimensão religiosa do ser humano como parte do estudo da psicologia. Retratam um desenho belíssimo da vida humana face às quatro humilhações sofridas pelo ser humano em busca de um sentido de existir⁷. A práxis religiosa e a psicologia social da religião também podem se encontrar, garantidas as diferenças de atuação e alcance na orientação às pessoas.

As possíveis intersecções entre práxis religiosa e fenomenologia estão relacionadas a duas expressões básicas no universo de cada uma delas: fenômeno e religião. A práxis religiosa está vinculada intimamente ao fenômeno religioso. O olhar da práxis religiosa adjetiva o fenômeno e acrescenta o vizez da criticidade. Outro elemento fundamental que compõe os alicerces da práxis religiosa é sua relação direta com a sociedade. Evidentemente, não visa unicamente construir um saber para a sociedade, mas com e a partir da sociedade. Portanto, como área do conhecimento a práxis religiosa nos orienta metodologicamente a como construir o saber com os sujeitos que participam do cotidiano que envolve a todos nós.

Assim como nos estudos da fenomenologia, a práxis religiosa interage com outras ciências e o contexto cultural de onde parte para construir um conhecimento. Essa obviedade não a generaliza, mas a torna específica no âmbito das ciências da religião como uma área que olha o cotidiano não simplesmente como objeto de pesquisa, mas procura interagir com esse cotidiano através de alguns aspectos:

- Constrói o conhecimento com os sujeitos de suas pesquisas;
- Procura resguardar que o saber não está de um só lado do processo de pesquisa;
- O conhecimento construído é intencionalmente transformador
- A produção de conhecimento questiona métodos que não focalizam a vida como seu principal alvo de desaguamento do saber

A práxis religiosa também questiona como a religião na história, pesquisa e inserção na sociedade pode contribuir com a dignidade da vida em comunidade, resguardando a identidade individual. É claro para a práxis religiosa que o fenômeno religioso pode ser analisado por várias ciências, mas oferece um caminho metodológico de dentro do cenário religioso e suas propostas para a vida humana. Assim, o cuidado metodológico, é vital para o distanciamento crítico necessário nas suas pesquisas.

2.1 Aproximações metodológicas com o pensamento de Cassiano Floristán

CASIANO FLORISTÁN nos oferece caminhos metodológicos possíveis para a práxis religiosa. De forma clara considera que o método está muito além de uma reunião de procedimentos e técnicas de pesquisa. É um caminho de aprendizagem mútua que deve nortear maneiras de compreensão e sentido do universo da pesquisa. Ao falar do método na teologia exemplifica um caminho reconhecidamente científico “em correlação ou em confrontação com a experiência histórica humana”⁸.

FLORISTÁN aborda nuances importantes da construção do método em teologia, destacando alguns aspectos indispensáveis para refletirmos na pesquisa: fé, concepção de Deus, tradições religiosas, contemporaneidade, experiência humana. Nesse sentido, encontramos pontos de

⁶ FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo As Ciências das religiões. São Paulo: Paulus, p.197. Lê-se PR – psicologia da religião.

⁷ BRAKEMEIER, Gottfried (2002), teólogo luterano, afirma que o ser humano em busca de uma dignidade da vida sofreu quatro humilhações na história pois a religião não conseguia mais responder sozinha a pergunta pelo Ser. Foram elas – a cosmológica, a biológica, a psicanalítica e a genética.

⁸ FLORISTÁN, Casiano. *Teologia Prática*. Salamanca: Sígueme, 2002, p.355.

intersecção extremamente próximos do método fenomenológico que parte do que estar-aí, diante de nós, ou seja, da experiência da vida e suas correlações de sentido.

Na discussão sobre método é indispensável visualizar suas considerações sobre teologia prática e as reflexões levantadas pelo mesmo. A formulação teológica não é engessada, mas clarificada com a visão crítica da práxis histórica de comunidades de fé bem como as hermenêuticas utilizadas para o entendimento, a compreensão, a interpretação da situação humana.

FLORISTÁN destaca dois métodos dentro da teologia prática: o indutivo e o empírico e crítico. O primeiro muito conhecido na teologia latino-americana, se utiliza de três verbos que norteiam a pesquisa nessa área: ver, julgar e agir.

Compreende metodologicamente três momentos fundamentais que correspondem a ver, julgar e atuar, o examinar, compreender e colaborar. Dito de outro modo, abarca três aspectos: encontro, verificação e compromisso ou realidade experimentada, realidade transfigurada na fé e realidade transformada na caridade. A revisão da vida se faz em grupo ou em equipe na relação aos atos que estruturam a existência para captá-los com a mirada evangélica.⁹

No segundo método, há fases que podem estabelecer conexões importantes com o método fenomenológico. As fases são kairológica, projetiva e estratégica. A proposta do método em teologia prática ilumina a práxis religiosa na sua forma de interferência na realidade. Essa interferência não é uma enaltação à onipotência religiosa, mas busca de caminhos de somar saber científico e cotidiano ao processo de mudanças que a relação com a realidade considera necessário.

Como mencionado anteriormente, os desdobramentos do método em teologia prática nos oferecem possibilidades de encontrar maneiras de lidar com a vida de forma criativa, pedagógica e aprendente. Um desses braços metodológicos está circunscrito no que FLORISTÁN denominou Revisão de vida. Como um método pedagógico da fé, nos possibilita um contato com o sentido da vida tão presente no método fenomenológico.

Como um braço metodológico, a ação pastoral é definida como a prática da fé cristã por uma comunidade-igreja que atinge os relacionamentos interpessoais promovendo a nutrição da fé de seus membros. Portanto, a ação pastoral é comunitária se dá através de interligações de várias áreas da igreja: educação, diaconia, aconselhamento, pregação, espiritualidade. Conforme FLORISTÁN: “por ação pastoral entendemos a totalidade da ação da Igreja e dos cristãos, a partir da práxis de Jesus, para a implantação do Reino de Deus na sociedade”¹⁰.

Portanto, a ação pastoral não é somente do/a pastor/a, mas da comunidade-pastora que busca uma prática do cuidado em todas as situações enfrentadas por seus membros. O que caracteriza a ação pastoral é uma prática conjunta das comunidades que procuram, através de atitudes, cumprir os valores disseminados pelo grupo. É importante afirmar que o termo práxis se aplica nessa definição já que abarca a reflexão e a prática. Portanto, não há como falar de ação pastoral sem incluir os dois pólos da mesma expressão.

A ação pastoral de uma comunidade religiosa oferece caminhos metodológicos de leitura da realidade e especificamente na ótica do luto. Essa leitura da realidade gera uma hermenêutica e uma nova ação pastoral. MAURO GUILHERME KOURY nos ajuda a fazer esse exercício metodológico sobre o contexto do luto em terras brasileiras.

Socialmente, parece, a tendência da nova sensibilidade emergente no Brasil de negar a morte e o sofrimento pela morte na esfera social vem sendo feita através de uma ênfase na morte como código norteador e ameaçador atrás de regras sociais. Configura-se no adotar o ponto de vista da resignação social como constructo possível do ser moral na modernidade. Resignação do eu constrangido na intimidade, para dar lugar ao indivíduo indiferente e fragmentado no social¹¹.

⁹ Idem, p.362

¹⁰ Ibidem, p.140.

¹¹ KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Sociologia da Emoção: O Brasil urbano sob a ótica do luto*. Petrópolis, Vozes, 2003, p.35

Percebe-se que o universo metodológico que norteia a relação entre práxis religiosa, fenomenologia e o tema do luto é rico de desafios e possibilidades de pesquisa em ciências da religião. Nesse sentido a práxis religiosa com sua identidade interdisciplinar facilita o processo de desenvolvimento de pesquisa no ambiente religioso pela sua inserção na sociedade e o estudo dos fenômenos advindos desse cenário.

3 – Luto e Existência: contribuição do método fenomenológico para os estudos sobre o luto

O luto é um processo desencadeado por uma perda. Nesse processo há reações diferenciadas entre as pessoas. Algumas expressões que explicitam esse momentos são: “meu mundo caiu”, “não sei se irei suportar”, “nunca pensei que isso pudesse acontecer comigo”. Esses são alguns exemplos do impacto causado pelo processo do luto na vida de qualquer pessoa. O luto nos tira do patamar da vida que estamos vivendo e nos transpõe para uma dimensão muitas vezes desconhecida, sofrida e nova. As pessoas começam a encarar a vida de forma diferente, algumas de forma amarga, outras com uma resignificação da vida, outras com a esperança renovada. Portanto, o luto está vinculado ao que HUSSERL denominou *Lebenswelt* e à práxis religiosa. Quanto à práxis religiosa, o vínculo é intenso principalmente porque as pessoas procuram “razões” para explicar a perda sofrida. Uma dessas “razões” pode ser o “desamparo divino”.

O texto clássico que SIGMUND FREUD tratou especificamente sobre o luto foi “Luto e Melancolia”. Nesse texto, procurou fazer uma distinção entre as duas expressões bem como aproximações. Porém, parece que a preocupação primordial de Freud estava mais centrada na melancolia do que no luto em si. As conceituações permearam os seguintes aspectos:

Luto – segundo os estudos de FREUD é “a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante”¹². O luto em si não era considerado uma patologia por Freud

Os estudos que permearam o tema do luto tocaram também o que denominamos hoje de busca do sentido da vida. Esse tema está ligado diretamente ao amparo recebido desde a infância e que deve deixar uma matriz que ofereça suporte às pessoas no decorrer de suas vidas. O processo do luto precisa, portanto de um “treino” infantil e que amadurece com a vida e o saber lidar com frustrações e perdas ao longo do ciclo vital. *Weltanschauung* (visão de mundo).

Para tanto podemos citar a clássica pesquisa de ELISABETH KLÜBER-ROSS. A partir desses seminários e das pesquisas sobre o processo da morte e do morrer, KLÜBER-ROSS sistematizou esse momento através dos estágios do pesar, do luto para quem está na fase terminal da vida. São eles:

Primeiro Estágio: negação e isolamento

Como o próprio nome denomina, o primeiro estágio é a experiência da não-crença no que está acontecendo consigo mesmo. A negação pode ser seguida de um choque inicial. Evidentemente que a negação é um mecanismo de defesa da pessoa diante do limite da vida.

“Em suma, a primeira reação do paciente pode ser um estado temporário de choque do qual se recupera gradualmente. Quando termina a sensação inicial de torpor e ele se recompõe, é comum no homem esta reação: ‘Não, não pode ser comigo’.”¹³

Segundo estágio: Raiva

O estágio da raiva expressa a impotência e a falta de controle para lidar com a situação limite. Geralmente nesse estágio predomina a clássica pergunta: Por que eu? Nesse estágio é essencial entender a raiva do paciente, possibilitando a expressão da mesma que está ligada com a ‘indignação’, diante da morte.

¹² FREUD, Sigmund. *A história sobre o movimento psicanalítico; artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Vol XIV, Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda, 1974, p.132.

¹³ KLUBER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a Morte e o Morrer*. São Paulo, Martins Fontes, 2000, p.47.

Terceiro Estágio: Barganha

O terceiro estágio é uma espécie de acordo com pessoas que significam segurança, proteção para a pessoa. Deus geralmente é o alvo das barganhas feitas nesse estágio. A barganha está ligada a um sentimento de culpa. É uma dívida afetiva com alguém ou com um tipo de comportamento não aceitável realizado pela pessoa no passado, que no seu inconsciente pode ter desencadeado a enfermidade. Segundo KLÜBER-ROSS, a barganha na realidade, é uma tentativa de adiamento; inclui um prêmio, oferecido, 'por bom comportamento', estabelece também uma 'meta' auto-imposta e uma promessa implícita de que o paciente não pedirá outro adiamento, caso o primeiro seja concedido.

Quarto estágio: depressão

Essa fase é marcada por uma grande sensação de perda. Segunda Kovacs, "é um estado de preparação para a perda de todos os objetos amados"¹⁴. Klüber-Ross apresenta dois tipos de depressão: a reativa e a preparatória. Ambas estão relacionadas com um preâmbulo para aceitação ou não da perda. Nesse sentido, a família da pessoa que está morrendo precisa de um acompanhamento no sentido de orientá-la a deixar o paciente expressar os sentimentos de perda.

Quinto Estágio: Aceitação

O estágio da aceitação advém quando cessam as possibilidades de tratamento e a morte se torna mais próxima. Nesse estágio a pessoa de certa forma cessa de lutar e chega até a ter uma melhora repentina como se fosse uma preparação para a hora derradeira. É também o período em que a família geralmente carece de ajuda, compreensão e apoio, mais do que o próprio moribundo.

Quando falamos de luto, não podemos esquecer da dimensão cultural que envolve esse tema. O luto tem sido estudado por áreas diferenciadas das ciências através do tema da morte. Os referenciais étnicos modificam consideravelmente a concepção de morte e também do processo de luto. Além das diferenças culturais, não podemos deixar de destacar o contexto existencial que atinge as noções de luto em nossa sociedade. Nesse sentido a sociedade envolvida pelo tecnicismo apresenta uma tendência a não lidar com temas que envolvem perdas, sofrimentos. A pregação sobre o prolongamento da vida pelos profissionais que utilizam aparelhos e máquinas hospitalares para salvar vidas, traz um paradoxo estonteante para nossa ética. Um deles é o acesso da população economicamente excluída dos padrões da saúde que tem acesso a um atendimento digno na área de saúde. Essas pessoas estão fadadas a morrerem 'mais cedo'?

Outro dado importante está na perspectiva das pessoas em relação ao futuro. O vazio que envolve o cenário hodierno produz doenças como a depressão, síndrome do pânico e aquelas decorrentes da não elaboração do luto. Não só a discussão sobre o luto em si na área da saúde, mas as implicações do luto, a partir do referencial religioso, é vital para estabelecer conexões com os rituais necessários no dia a dia de todos nós. Os rituais de transição, de perdas são indispensáveis para uma elaboração do luto de forma saudável.

Nossa civilização contemporânea criou defesas maníacas contra a companhia da morte. Nós que trabalhamos com a psique sabemos que o reprimido pode estar soterrado sob uma placa espessa de cimento, mas não desapareceu. Não é, portanto, nem mórbido nem deprimente falar sobre o assunto que, sim é um assunto digno. Ao se falar da raiz enlacrada se toca a fonte da vida. Por isso devemos valorizar conchaves que abriguem diferentes aportes para discutir o tema da morte na alma, o que não significa chorar, lamentar ou enlutar-se. O que mais vale é trabalhar não tanto o luto pela perda de alguém, mas aquele pior de todos, que é o luto de si mesmo, o luto de não se estar completamente vivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹⁴KOVACS, Maria Júlia. *Morte e Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p.200.

A pesquisa em Ciências da Religião e mais especificamente a práxis religiosa envolve uma gama de conhecimentos que trazem desafios metodológicos diante do cotidiano de todos nós.

Discorrer sobre o luto é um desafio constante para as ciências da religião no seu caráter interdisciplinar e também de contribuição de suas pesquisas para somar às demais áreas que buscam contribuir para o bem-estar da sociedade. O tema não é simples, porém presente no cotidiano das pessoas, de nossos sentidos, de nossas consciências, de nossas certezas e incertezas, de fé e de nossas dúvidas, de nossas esperanças.

As bifurcações metodológicas aventadas no presente trabalho procuraram encontrar eixos comuns entre fenomenologia e práxis religiosa no território do luto. As possibilidades hermenêuticas encontradas contribuíram para nutrir a continuidade da pesquisa sobre o luto nas ciências da religião.

É vital reafirmarmos também que na sociedade brasileira o tema do luto continua sendo um tabu não só no seu cotidiano, mas também em algumas áreas das ciências. Pode-se arriscar que trazer o tema do luto para as ciências da religião e mais especificamente para a práxis religiosa é indispensável na sua contribuição para a saúde pública de nossa sociedade.

Os caminhos metodológicos foram iniciados. É mister considerar que a dimensão metodológica nas pesquisas da práxis religiosa pode ser enriquecida com o exercício da aprender constantemente a construir o conhecimento a partir da realidade que perpassa a existência humana. Que esse desafio continue inspirando a continuidade dessa e de novas pesquisas.

BIBLIOGRAFIA

Um Autor

BRAKEMEIER, Gottfried. *O ser humano em busca da identidade*. São Leopoldo, 2001.

FLORISTAN, Casiano. *Teologia Prática*. Salamanca: Sígueme, 2002.

FREUD, Sigmund. *A história sobre o movimento psicanalítico; artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Vol XIV, Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda, 1974, p.132.

KLÜBER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a Morte e o Morrer*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

KOVACS, Maria Júlia. *Morte e Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Sociologia da Emoção: O Brasil urbano sob a ótica do luto*. Petrópolis, Vozes, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Dois Autores

FILORAMO, Giovanni ; PRANDI, Carlo. *As ciências das religiões*. São Paulo, Paulus, 1999.

Mais de três Autores

CASTRO, Dagmar Silva Pinto de et al. *Fenomenologia e Análise do Existir*. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo: Sobraphe, 2000.